

**Mulheres jornalistas em tempos de Covid-19:
da prática do *home office* ao mito da flexibilização**

*Mujeres periodistas en la época del Covid-19:
desde la práctica del home office el mito de la flexibilización*

Carla Francielly Miranda ROLIM¹
Taís Resende ARAÚJO²
Verônica Almeida de Oliveira LIMA³

Resumo

O presente trabalho busca compreender as mudanças ocorridas nas rotinas de mulheres jornalistas que passaram pelo *home office* durante a pandemia de Covid-19. Através de uma pesquisa qualiquantitativa, utilizando o método de análise de conteúdo e como instrumento de coleta de dados, questionário, enviado via Google Forms, buscou-se extrair dados que facilitassem a compreensão dessa nova rotina de trabalho que convergia atividades laborais, demandas domésticas e família. Como resultado, percebeu-se que poucas mulheres haviam tido contato com o *home office* antes da pandemia e que estas tiveram dificuldades para se adaptar à nova modalidade de trabalho. Essa situação exigiu a criação de novas rotinas que forçaram a adaptabilidade em um curto espaço de tempo que, em muitos casos, geraram sentimentos e sensações como cansaço, tristeza e exaustão.

Palavras-chaves: Covid-19. Pandemia. Jornalistas. Rotinas Produtivas. Home Office.

Resumen

Este artículo busca comprender los cambios que ocurrieron en las rutinas de las mujeres periodistas que pasaron por la *home office* durante la pandemia de Covid-19. A través de una investigación cualitativa y cuantitativa, utilizando el método de análisis de contenido y como instrumento de recolección de datos, un cuestionario, enviado vía Google Forms, buscamos extraer datos que faciliten la comprensión de esta nueva rutina de trabajo que converge actividades laborales, demandas domésticas y familia. Como resultado, se observó que pocas mujeres habían tenido contacto con la *home office* antes de la

¹ Graduanda em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: carla.rolim@aluno.uepb.edu.br

² Graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).
E-mail: taisresende85@gmail.com

³ Doutora em Ciências da Educação. Professora do Departamento de Comunicação Social, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: veronicaoliveira@servidor.uepb.edu.br

pandemia y que tenían dificultades para adaptarse al nuevo tipo de trabajo. Esta situación requirió la creación de nuevas rutinas que obligaron a la adaptabilidad en un corto período de tiempo que, en muchos casos, generaron sentimientos y sensaciones como cansancio, tristeza y agotamiento.

Palabras clave: Covid-19. Pandemia. Periodistas. Rutinas Productivas. Home Office.

Introdução

A pesquisa aqui apresentada faz parte de um conjunto de investigações desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, através de incentivo da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, cota 2020-2021. É no contexto da pandemia da Covid-19 que o presente trabalho se desdobra, buscando compreender como as restrições exigidas para conter a doença afetaram a rotina de uma classe de trabalhadoras, as jornalistas. Fala-se aqui, especificamente, da implementação da modalidade de trabalho *home office*, medida adotada por empresas, instituições e outros ambientes laborais, para desacelerar a contaminação da doença.

Com isso, investigou-se como esse modelo acarretou mudanças e adaptações nas rotinas das jornalistas, a exemplo da experiência em conciliar demandas particulares e/ou domésticas com o trabalho remunerado num mesmo ambiente. Para obter os dados necessários e buscar as respostas dos objetivos citados, foi aplicado um questionário online, através do *Google Forms*, entre fevereiro e abril de 2021. Para o tratamento dos dados, utilizamos como método a análise de conteúdo proposto por Bardin (2011). Na etapa de coleta de dados foram alcançadas 44 mulheres jornalistas, que responderam questões fechadas e abertas, deste modo, a pesquisa foi de natureza quali-quantitativa.

Mulheres e mercado de trabalho

Segundo a Constituição Brasileira, especificamente a descrição do Art.6⁴, observa-se que a atividade “trabalho” deve ser garantida como um direito básico e social de todo cidadão, e como cidadão, entende-se todos os homens e mulheres deste país.

⁴ Art. 6º São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Texto alterado, do ano de 2015).

Porém, no que se refere ao mercado de trabalho, as mulheres sempre encontraram e encontram muitos obstáculos, que em raras vezes estão ligadas à sua formação acadêmica e técnica. Ao concorrer a vagas de emprego, em alguns casos, as mulheres, antes de serem interpeladas sobre sua formação e experiência profissional, são questionadas acerca de suas vidas pessoais, como por exemplo, se “é casada?”, “tem filhos?”, entre outros, evidenciando

[...] o fato de muitas mulheres serem preteridas em determinadas vagas de emprego, destacando a crise vivenciada por algumas delas nas entrevistas para preenchimento dessas vagas: omitir ou não a existência dos filhos para garantir a contratação. (CAVALCANTI; BAÍA, 2017. p.5)

Ao contrário do que acontece com os homens em suas entrevistas de emprego, uma vez que esses fatores não são percebidos (ou entendidos) como algo que influenciará seu desempenho dentro de uma empresa. Esse tipo de situação ocorre devido as mulheres serem vistas como alguém que deve, prioritariamente, cuidar e gerenciar o lar:

As mulheres permanecem sendo as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e os cuidados com filhos e idosos: dedicam, em média, 22 horas semanais, para pouco mais de 10 horas por parte dos homens. São a maioria no setor de serviços de menor qualificação e no emprego doméstico em residências, recebendo, portanto, as menores remunerações. Enquanto isso, os homens continuam predominando nos cargos técnicos, cargos de maior qualificação, e nos setores que detém maior índice de inovação tecnológica, assim como nas posições de chefia, que são melhor remunerados. (CESIT, 2017, p. 20)

Ou seja, caso tenha filhos, essa condição pode influenciar diretamente na sua contratação ou não, podendo também resultar numa admissão com salário inferior aos dos profissionais do sexo oposto, que exercem a mesma função. A pesquisadora Regina Madalozzo (2010), explica que as questões salariais podem ter relação com a vida reprodutiva das mulheres, que ao longo da vida têm suas carreiras interrompidas por determinado tempo (puerpério, por exemplo), por conciliar a maternidade com o trabalho externo, ou por serem beneficiadas por outros tipos de licenças, como a licença maternidade.

De acordo com pesquisas (CESIT, 2017), a presença do público feminino em empregos remunerados, só pôde ser percebida de fato a partir dos anos de 1970. Porém, apesar desse avanço em relação a inserção da mulher no mercado de trabalho, era visível o tratamento desigual dado a elas em relação aos homens, como diferenças salariais –

esse ainda atual, como vimos na discussão anterior –, concentração em setores ligados ao comércio e serviços, trabalhos domésticos e em cargos com pouca ou nenhuma exigência de qualificação profissional. Sendo essas algumas das “características que acompanham toda a trajetória de inserção das mulheres no mundo produtivo e tem suas raízes na desigual divisão sexual do trabalho e na atribuição às mulheres do trabalho reprodutivo”. (CESIT, 2017, p.18).

Além disso, evidencia-se que as mulheres tiveram acesso ao trabalho remunerado tardiamente, muito em razão da educação restrita a que eram submetidas desde o período colonial, como explicita Aragão e Kreutz (2010, p. 109): “a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitassem o bom governo da casa e dos filhos”. A partir dessa constatação, pode-se entender o porquê de muitos cargos que as mulheres ocuparam e ainda ocupam, girar em torno de atividades domésticas e, mesmo trabalhando em outras funções externas, ao chegarem em casa, têm que limpar, organizar e cuidar do lar.

Esse fator pressiona e sobrecarrega a mão de obra feminina. Diante disso, Ursula Huws (2017, p. 28) diz que, “enquanto as mulheres continuarem a ser consideradas responsáveis pela felicidade e paz familiar, o fardo de lidar com tais tensões e fornecer os ‘prazeres’ que supostamente devem trazer constantemente irá recair diretamente sobre elas”, acarretando uma jornada dupla (ou tripla) de trabalho para as mulheres.

Todos esses fatores que causam a exaustão de trabalho são ampliados quando a profissional tem filhos, demandas acadêmicas e produção alimentar acrescidos em sua rotina. É perceptível também que uma mudança foi posta em curso, iniciada com o acesso das mulheres à educação formal - há algumas décadas, ao desejo de autonomia financeira, aos movimentos que buscaram e buscam a igualdade de gênero e, mais recentemente, ao fato dos parceiros estarem um pouco mais atentos aos seus deveres dentro de casa e a divisão de tarefas. Mas essas mudanças de comportamento dos homens ainda são muito pequenas e as mulheres continuam sobrecarregadas. De acordo com CESIT (2017)

O trabalho doméstico e de cuidados, a esfera da reprodução social, contribui para melhorar as condições de saúde e educação, mas, simultaneamente, geram sobrecarga à mulher. Nesta condição, elas optam por empregos em tempo parcial e mais flexíveis, ou seja, empregos informais e precarizados, tendo em vista que os em tempo integral afetariam o bem-estar dos filhos. (CESIT, 2017 p.44)

Neste contexto, também é necessário fazer alusão à evolução histórica das conquistas sociais envolvendo os direitos trabalhistas das mulheres no mercado de trabalho, que foram e são importantes para garantir reconhecimento de seus desempenhos profissionais. Porém, também deve-se mencionar que, atualmente, enfrenta-se mais um novo obstáculo, o de conciliar o trabalho flexível ocasionado pela pandemia da Covid-19. Desde meados de março de 2020, quando a doença começou a espalhar-se com mais intensidade pelo Brasil, muitas empresas tiveram seus funcionários cumprindo as demandas de casa, através do trabalho *home office*, modelo que ainda não passou por regulamentações. E as mulheres, mais uma vez, são a força de trabalho mais afetada, tendo que conciliar as tarefas domésticas e profissionais em um único ambiente.

Reordenamento das rotinas das mulheres na perspectiva *home office*

O isolamento social imposto pelos governos estaduais em decorrência da pandemia da Covid-19 obrigou empresas a colocarem seus colaboradores para trabalhar no modelo *home office*. Com isso, foi necessário que os profissionais adequassem suas rotinas, muitas vezes sendo necessário dar atenção a atividades profissionais e questões domésticas paralelamente.

Apesar de ser considerado um serviço essencial, assim como estabelece o decreto presidencial Nº 10.288, de 22 de março de 2020 (BRASIL, 2020), tendo em vista a importância da notícia no combate a pandemia de Covid-19, o jornalismo permite a adoção do trabalho remoto por parte de alguns profissionais. Em 18 de março de 2020, a Federação Nacional dos Jornalistas lançou um relatório orientando a “Implantação imediata de teletrabalho (*home office*) para profissionais com 60 anos ou mais, gestantes, jornalistas com doenças crônicas e deficiência imunológica, jornalistas que não tenham com quem deixar os filhos menores ou que vivam com pessoas da família na mesma residência em situação de vulnerabilidade à doença” (FENAJ, 2020a, n.p.) e a “Readequação do trabalho jornalístico, com a realização de teletrabalho no maior número de atividades e funções possíveis” (FENAJ, 2020a, n.p.). Sendo assim, algumas empresas diminuíram a quantidade de trabalhadores circulando em seus espaços físicos⁵ e escolheu

⁵ De acordo com uma pesquisa realizada pela FENAJ, entre maio e junho de 2020, 75,2% dos jornalistas estavam trabalhando em modelo *home office*. Disponível em: < <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>>. 10 jun 2021.

aqueles que passaram a trabalhar de casa a partir de cargos e/ou pessoas que se enquadrassem no grupo considerado de risco para a doença.

Porém, apesar do sistema remoto trazer a segurança de estar em casa, diferente do que acontecia com outros profissionais de atividades essenciais que precisavam ir para a rua, as dificuldades também estavam presentes no trabalho dos jornalistas, principalmente no contexto atual da divisão sexual do trabalho.

A divisão sexual do trabalho permeia os arranjos, articulada a outros fatores que posicionam e abrem ou restringem as alternativas: mulheres cuidam e são afetadas em suas trajetórias por estarem posicionadas como cuidadoras; cuidam em condições diversas, dependendo de sua posição de classe. (BIROLI, 2018, p. 41)

No Brasil pré-pandemia, as mulheres realizavam 23,8 horas semanais de trabalho doméstico não remunerado, contrastando com os homens que desempenhavam apenas 12 horas (IBGE, 2019). Essa carga de trabalho aumentou ainda mais com a imposição do isolamento social por parte dos governos estaduais, pois elas continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades do lar e pelo cuidado com os filhos, passando a cumprir jornadas de trabalho dobradas ou até triplicadas.

De acordo com uma pesquisa de julho de 2020 realizada pela Federação Brasileira de Bancos (FEBABAN, 2020, p.7), as mulheres ainda são maioria na realização das atividades domésticas, apesar da responsabilidade financeira ser compartilhada. Segundo os dados, majoritariamente são elas que limpam a casa (63%) e preparam as refeições (68%).

Com a adoção do modelo de trabalho *home office*, a sobrecarga de trabalho com o acúmulo de tarefas também aumentou. Considerando as profissionais que são mães e têm filhos em idade escolar, a jornada é ainda maior, tendo em vista que as escolas tiveram as atividades presenciais suspensas e coube aos pais assumirem a responsabilidade de orientá-los nas atividades de casa, muitas vezes tomando o tempo do trabalho profissional. Conforme pesquisa realizada pela comissão de mulheres da FENAJ (2020c), 85,9% das mães jornalistas expuseram que se sentiam sobrecarregadas na pandemia, sendo que desse total, 94,3% declararam ter um ou dois filhos em idade escolar. As famílias também precisaram adequar espaços para trabalho e estudo, o que nem sempre é possível, dependendo da realidade de cada indivíduo. Segundo Federici (2019), o trabalho doméstico foi transformado em atributo natural da personalidade feminina.

A diferença em relação ao trabalho doméstico reside no fato de que ele não só tem sido imposto às mulheres como também foi transformado em um atributo natural da psique e da personalidade femininas, uma necessidade interna, uma aspiração supostamente vinda das profundezas da nossa natureza feminina. O trabalho doméstico foi transformado em um atributo natural em vez de ser reconhecido como trabalho, porque foi destinado a não ser remunerado. (FEDERICI, 2019, p.42)

Diante das principais consequências nas condições de precariedade no trabalho dos jornalistas - a extensão da jornada de trabalho, as demissões em massa e a flexibilização dos contratos de trabalho - pode-se considerar também “a divisão sexual do trabalho como um componente adicional de precariedade no setor” (LELO, 2019, p.144), que por sua vez “é fundamental para refletir sobre obstáculos exclusivos às mulheres que se aventuram paulatinamente no jornalismo” (LELO, 2019, p.144). Dessa forma, é perceptível que as jornalistas sofrem com a excessiva demanda de trabalho, e isso as expõe a um maior impacto das rotinas produtivas, prejudicando a qualidade final do produto e também o bem-estar dessas profissionais.

Metodologia e análise dos dados

Para alcançar o objetivo de pesquisa, realizou-se uma investigação de natureza quali-quantitativa, inquirindo 44 mulheres jornalistas por meio da aplicação de questionário com questões abertas e fechadas, encaminhado via plataforma *Google Forms*, durante o período compreendido entre fevereiro e abril de 2021.

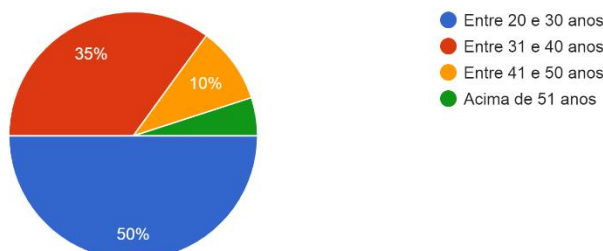
Do total de mulheres que responderam ao questionário, 40 trabalhavam de modo presencial e precisaram se adaptar ao *home office* devido à pandemia (90,9%). Neste sentido, é com esse quantitativo de entrevistadas que vamos trabalhar: 40 profissionais atuantes em diferentes áreas e veículos de comunicação.

Para a análise dos dados utilizou-se como metodologia a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), passando pelas etapas de pré-análise, exploração do material e, por fim, inferência. Neste primeiro momento da análise, apresenta-se os dados extraídos eminentemente de forma quantitativa. Eles dão um perfil do grupo inquirido e apontam para algumas questões que envolveram a mudança da rotina do trabalho presencial para o *home office*.

As mulheres do grupo analisado estão, em sua maioria, na faixa etária entre 20 e 40 anos. No caso em questão, muitas entrevistadas ingressaram no mercado de trabalho há menos de 10 anos, estão na fase de reprodução e muitas fazem planos de constituir família.

Gráfico 1: Faixa etária das entrevistadas

3. Sua idade é de:
40 respostas

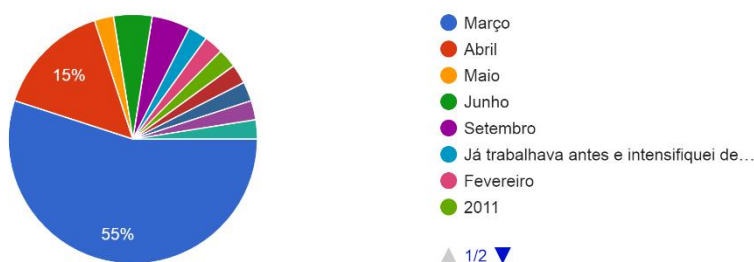


Fonte: Elaboração própria

A maior parte do grupo é composto por pessoas que atuam em assessoria de imprensa (40%), seguido por aquelas que trabalham com jornalismo digital (25%) e telejornalismo (12,5%). Outros 22,5% atuam em outras áreas como radiojornalismo, marketing digital, etc. Perguntou-se também em qual mês iniciou-se o trabalho remoto para elas. Mais da metade (55%) informou que essa modalidade teve início no mês de março de 2020, seguido por abril (15%). Desse grupo, 47,5% ainda continuava trabalhando em *home office* no período desta pesquisa; 20% passaram 4 meses nessa modalidade e 10% passaram apenas 1 mês em *home office*.

Gráfico 2: Início da atividade em *home office*

6. Em que mês da pandemia você começou a trabalhar na modalidade home office:
40 respostas



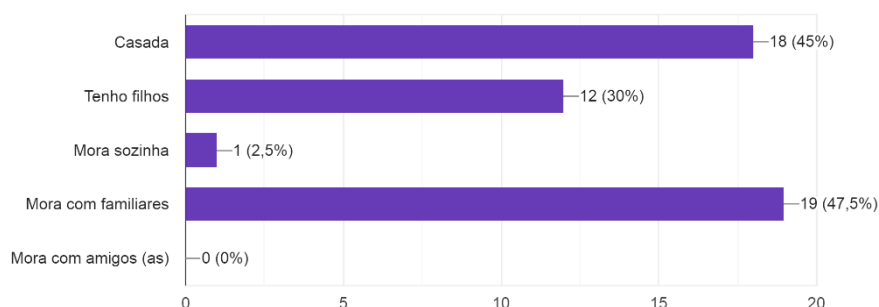
Fonte: Elaboração própria

Ao questionar sobre os possíveis motivos que as levaram a trabalhar em *home office*, cerca de 70% não evidenciou nenhuma causa além das providências tomadas pelas empresas para diminuir o fluxo de pessoas dentro das redações. Outras 7,5% responderam ser do grupo de risco, 2,5% engravidaram durante esse período e as demais marcaram opções em que expressava os posicionamentos da empresa em fazer revezamento de presença no ambiente de trabalho com outros funcionários. Sobre os perfis pessoais dessas profissionais, foi perguntado sobre estado civil, se tinham filhos e com quem moravam, obteve-se as seguintes porcentagens:

Gráfico 3: Perfil das entrevistadas

9. Marque as alternativas que se encaixam com seu perfil pessoal (pode escolher mais de uma alternativa):

40 respostas

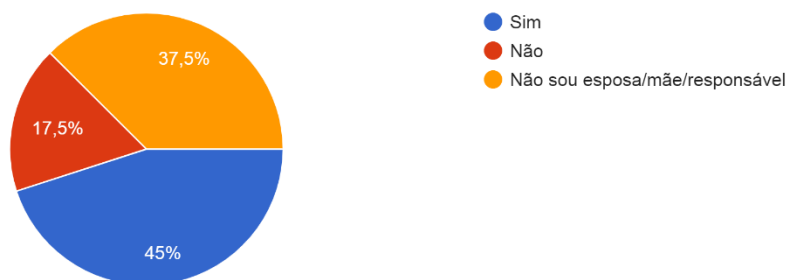


Fonte: Elaboração própria

Quando perguntadas se a rotina *home office* gerou algum problema de adaptação e/ou conciliação das suas funções profissionais com o fato de serem esposa/mãe/responsável, 45% das mulheres que se enquadram nesta categoria afirmaram que sim, haviam enfrentado problemas de adaptação.

Gráfico 4: Adaptação do *home office* a rotina

11. Caso seja casada, tenha filhos ou seja responsável afetivamente ou financeiramente por alguém, você acredita que a rotina *home office* g...ionais com o fato de ser esposa/mãe/responsável?
40 respostas



Fonte: Elaboração própria

Sabe-se que as mulheres casadas ou que possuem filhos, têm acrescentado à sua rotina muitas outras demandas além do trabalho remunerado. Historicamente as mulheres têm mais demandas domésticas do que os homens, neste sentido aquelas que trabalham ainda continuam mantendo estas demandas e ainda precisam lidar com as exigências do trabalho e da família, no caso daquelas que têm filhos e marido.

Esses dados vieram seguidos das respostas acerca do seguinte questionamento, “você sentiu dificuldades em conciliar sua rotina profissional com as atividades domésticas?”, 72,5% das respondentes disseram que ‘sim’ e 27,5% responderam que ‘não’.

Perguntas qualitativas também foram inseridas na presente pesquisa para que respostas mais subjetivas dessem um cenário mais amplo das variáveis que perpassam o trabalho das jornalistas durante a pandemia. Para analisar o conteúdo destas respostas, realizamos uma leitura flutuante dos dados que, em seguida, foram organizados em indicadores de registro, a partir de unidades de contexto. Após essa etapa, conseguiu-se levantar três categorias: Rotina *home office*, Intensidade de trabalho e Consequências do trabalho.

A primeira categoria, “Rotina *home office*”, revela as impressões das entrevistadas quanto a organização da nova rotina. Ela rendeu quatro indicadores de registros: 1. Já tinha experiência com o *home office*; 2. Tentou estabelecer rotinas; 3. Tinha rotina fixa; 4. Não tinha rotina fixa.

No indicador “Já tinha experiência com o *home office*”, foram agrupadas as respostas de pessoas que falaram que já tinham hábito de trabalhar *home office* e não tiveram tantas dificuldades em se ajustar à rotina imposta pela pandemia. No indicador “Tentou estabelecer rotinas” inseriu-se as respostas de jornalistas que relataram esforço para estabelecer rotina diante da nova modalidade de trabalho, mas que não conseguiram ter uma rotina bem estabelecida. Já em “Tinha rotina fixa”, inclui-se as respostas das jornalistas que conseguiram criar uma rotina organizada e não apresentaram queixas ou problemas na sua rotina com o trabalho em *home office*. Em “Não tinha rotina fixa”, tem relatos de experiências negativas das jornalistas em trabalho no *home office*, onde estas não conseguiram criar rotinas organizadas para as demandas de trabalho e domésticas.

Diante desse quadro, constatou-se que das 40 entrevistadas, 42,5% se encaixam no indicador “Tinha rotina fixa”, enquanto 35% das jornalistas se enquadraram em “Não tinha rotina fixa”. Unidades de contexto como: “Desorganizada e atrapalhada. Bebês não tem muito horário fixo, então tudo é loucura” e “Ficou desorganizada, fazia tudo junto, trabalho, cuidar da casa, de criança, sem hora certa para fazer as atividades”, de duas entrevistadas, contrastam com “Mantive os demais afazeres em horários opostos aos do trabalho em *home office*. Dessa forma, não perdi minha rotina.”

Ainda sobre a categoria “Rotina *home office*”, 7,5% das jornalistas já tinham o costume de trabalhar *home office* e por isso se enquadraram no indicador “Já tinha experiência com o *home office*”. Foi o que revelou unidades de contexto como essa extraído de uma entrevistada: “Eu já trabalhava de casa antes da pandemia. Dessa forma, foi igual”. Por fim, 12,5% das jornalistas se enquadraram no indicador que “Tentou estabelecer rotinas”, mas que não conseguiu ser bem-sucedida nessa empreitada, é o que revele essa entrevistada: “Tentei separar horários para trabalhar e outros para focar nas outras atividades”. Uma resposta não foi considerada, por não se enquadrar em nenhuma das categorias criadas.

A análise dos dados quantitativos nos mostrou ainda uma face curiosa do *home office*: a percepção de que o trabalho se tornou invasivo na vida destas trabalhadoras. Foi o que revelou a escolha de qual cômodo da casa a maioria das entrevistadas relataram trabalhar: o quarto. Quando perguntadas, em questão aberta, qual cômodo da casa havia se tornado o seu escritório, 47,5% das entrevistadas disseram que o quarto se tornou o local onde elas trabalhavam *home office*. O quarto, um lugar de intimidade e símbolo de individualidade, foi um local tomado pelo trabalho. A sala foi o espaço que mais se repetiu

depois do quarto, com 17,5% das respostas. 15% das respostas incluíam dois cômodos numa mesma resposta, uma alusão à instabilidade de um local fixo para se trabalhar durante o período de pandemia. 5% utilizou a cozinha e 12,5% tinham um escritório para trabalhar.

Na categoria “Intensidade de trabalho” organizamos os questionamentos que abordavam a percepção sobre a quantidade de trabalho. Pretendíamos saber se as entrevistadas, analisando todas as suas atividades de trabalho (doméstico, profissional etc.), achavam que trabalharam mais ou menos durante esse período de pandemia. As respostas revelaram quatro indicadores de registro: 1. Trabalhou mais; 2. Trabalhou menos; 3. Trabalhou normalmente; 4. Trabalhou de forma equilibrada.

No indicador “Trabalhou mais” foram inseridas as respostas que falavam do aumento do trabalho nos períodos de *home office*; em “Trabalhou menos” foram inseridas as respostas que claramente dizem ter havido uma redução do trabalho; em “Trabalhou normalmente” foram inseridas as respostas que afirmavam que o trabalho praticamente permaneceu o mesmo, mudando apenas o local; por fim, em “Trabalhou de forma equilibrada” foram consideradas as respostas que apresentaram o trabalho de forma moderada, ou seja, que teve seus momentos mais intensos e também momentos leves.

Calculadas as porcentagens, percebeu-se que a maioria expressiva das mulheres se encaixam no primeiro indicador, 85%, ou seja, elas trabalharam muito mais, tendo em vista que trabalhavam nas demandas domésticas, em alguns casos nas demandas familiares e nas demandas do trabalho como jornalistas. Depoimentos como “[trabalho] Muito mais, até por ter ficado sem a funcionária que cuidava da limpeza da casa” e “Trabalhei muito mais, tinha momentos que eu não sabia nem quando eu estava em horário de trabalho ou não, acabei me dedicando quase 24 horas por dia”, demonstram como as mulheres se sentiram com relação a demanda de trabalho. O primeiro depoimento, inclusive, lembra algo que foi discussão recorrente na pandemia: dispensa dos trabalhadores domésticos durante a pandemia. Apenas 2,5% afirmaram que trabalharam menos e outros 2,5% afirmaram que trabalhou normalmente. Ainda 10% se encaixaram no último indicador de registro, “Trabalhou de forma equilibrada”, tendo em vista que apresentaram pontos positivos e negativos para o teletrabalho exercido durante o período de pandemia.

Por fim, na terceira categoria, “Consequências do trabalho”, nos apresenta as sensações diante das respostas que ficaram agrupadas na categoria anterior (Intensidade

de trabalho). Aqui, foi possível verificar os seguintes indicadores de registro: 1. Cansaço; 2. Tristeza; 3. Exaustão; 4. Satisfação; 5. Negatividade; 6. Divididas.

Mais da metade das entrevistadas, 52,5%, fizeram referência ao cansaço. Muitas relataram também tristeza (3,5%) e exaustão (8,5%) como principais características do trabalho nesta modalidade. Um percentual de 7% se diz satisfeita, afirmando tranquilidade e benefícios do *home office*. 12,5% se encaixam no indicador “Negatividade”, onde as respostas fazem críticas ao modelo de trabalho *home office*. No último indicador, “Divididas” (12,5%), agrupou-se as respostas das jornalistas que se sentiram divididas quanto à sua opinião sobre o trabalho, pois falavam tanto dos benefícios, quanto da sua insatisfação nesta modalidade de trabalho. Uma resposta não foi considerada, por não se enquadrar em nenhuma das categorias criadas. Quando unidas as respostas das categorias: “Cansaço”, “Negatividade” e “Divididas”, percebe-se que há uma tendência a associar o trabalho exercido em *home office* durante a pandemia como algo ruim que desgastou as jornalistas entrevistadas.

Os resultados revelados na categoria anterior, são justificados pelas próprias entrevistadas, quando relatam os desafios de se dividirem entre jornada de trabalho remunerado e demandas domésticas. Para as entrevistadas, pouco foi mudado nas demandas do trabalho, uma vez que 87,5% relataram que não houve redução da carga horária trabalhada. Por outro lado, infelizmente, no contexto de crise financeira por causa da pandemia, 17,5% relataram que tiveram redução do salário e 67,5% falaram que a empresa não forneceu apoio técnico com equipamentos para dar suporte ao trabalho que era feito em casa.

De modo geral, foi percebido que a partir do momento que se faz necessário o distanciamento social e adoção do modelo de trabalho *home office*, os profissionais passam a ter uma maior demanda para cumprir. No contexto das mulheres, como visto aqui, estas se sentiram pressionadas e desestabilizadas diante da nova realidade, principalmente por precisarem alinhar rotinas que antes eram feitas de maneira separadas, como cuidar dos filhos, organizar a casa, preparar as refeições, entre outras.

Considerações finais

Portanto, diante dos dados coletados, é possível analisar que as jornalistas entrevistadas enfrentaram desafios e dificuldades com as implicações impostas pela

pandemia do novo coronavírus, sobretudo em relação ao modelo de trabalho *home office*, que apesar de ao longo dos últimos anos ter sido praticado em menor escala, nunca tinha sido imposto em circunstâncias integrais e de modo tão abrupto. As demandas praticamente permaneceram as mesmas, contudo invadiram e desorganizaram a rotina doméstica e familiar dessas mulheres entrevistadas.

Ademais, existiram obstáculos relacionados às novas rotinas produtivas e jornadas de trabalho, afinal, as profissionais passaram a alinhar novos hábitos. Como os dados mostraram, muitas entrevistadas não conseguiram organizar suas novas rotinas. O trabalho agora estava dentro de casa, junto com toda a sua intimidade, dividindo a atenção, na maioria das vezes, com os outros membros da família.

Aliado a isso, a maioria das profissionais não tinham ambientes propícios e organizados para a realização das atividades profissionais, precisando, muitas vezes, dividir espaços com outras pessoas da família, realizar adaptações ou melhorias em ambientes, adquirir móveis ergonômicos e/ou contratar melhores pacotes de internet. Em contrapartida, apesar da aquisição de produtos que proporcionassem mais conforto para o dia a dia por parte das colaboradoras, a maioria das empresas não ofereceu apoio técnico de equipamentos, nem arcou com custos adicionais de energia elétrica, internet, *softwares*, entre outros

Referências

ARAGÃO, Milena; KREUTZ, Lúcio. Do ambiente doméstico às salas de aula: novos espaços, velhas representações. **Conjectura**, Caxias do Sul, v 15, n.3. p. 106-120, dez. 2010. Disponível em ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/515/400>. Acesso em 10 fev. 2020.

CESIT - Instituto de Economia / Unicamp. **Mulheres**: mundo do trabalho e autonomia econômica. São Paulo, 2017. Disponível em < <https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/Caderno-3-web.pdf>>. Acesso em 08 fev de 2020.

HUWS, Ursula. **A formação do cibertariado**; trabalho virtual em um mundo real. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2017.

MADALOZZO, Regina. Occupational segregation and the gender wage gap in brazil: an empirical analysis. **Economia Aplicada**, v. 14, n. 2, 2010, pp. 147-168. Disponível em <: <http://www.scielo.br/pdf/ecoa/v14n2/a02v14n2.pdf> >. Acesso em 08 fev de 2021.

CAVALCANTI, Natália C. Silva Barros; BAÍA, Deylane Corrêa Pantoja. Ser mãe no mundo do trabalho: notas sobre os desafios da reinserção de mulheres no mercado de trabalho após a experiência de maternidade, **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X. Disponível em

<http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499457316_ARQUIVO_Sermaenomundodotrabalho.pdf>. Acesso em 17 de fev de 2021.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Em média, mulheres dedicam 10,4 horas por semana a mais que os homens aos afazeres domésticos ou ao cuidado de pessoas.** Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/27877-em-media-mulheres-dedicam-10-4-horas-por-semana-a-mais-que-os-homens-aos-afazeres-domesticos-ou-ao-cuidado-de-pessoas>>. Acesso em 12 fev de 2020.

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. **Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais iguais a dos homens.** Disponível em <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-a-dos-homens>>. Acesso em 12 fev de 2020.

ALVES, Magda de Almeida. **Anotações sobre trabalho e gênero.** Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/cp/v43n149/03.pdf>>. Acesso em 13 fev de 2020.

AMARAL, Grazielle Alves; VIEIRA, Adriane. **A mulher e a tripla jornada de trabalho: a arte de ser beija-flor.** Disponível em <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EOR324.pdf>>. Acesso em 12 fev de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 2011.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil.** 1. ed.. São Paulo, Boi Tempo, 2018. Disponível em <<https://convertio.co/pt/download/62557f84cb37a25e1ff855d504e46505656f52/>>. Acesso em 13 fev de 2020.

BRASIL. **Decreto Nº 10.288, de 22 de março de 2020.** Disponível em <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-10.288-de-22-de-marco-de-2020-249098577>>. Acesso em 16 fev de 2020.

COMOLI, Eliane; CANTO, Karen. **Pandemia impacta mais a vida das mulheres.** Disponível em <<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2020/08/19/pandemia-impacta-mais-vida-das-mulheres>>. Acesso em 12 fev de 2020.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução.** v. 1. São Paulo: Editora Elefante, 2019. Disponível em <http://coletivosycorax.org/wp-content/uploads/2019/09/Opontozerodarevolucao_WEB.pdf>. Acesso em 13 fev de 2020.

FEBRABAN. **As famílias após a pandemia.** Disponível em <https://cmsportal.febraban.org.br/Arquivos/documentos/PDF/200720_OBSERVATO%CC%81RIO_FEBRABAN_JULHO%202020_final_iD_Ipespe.pdf>. Acesso em 12 fev de 2020.

FRANCO, Adriana. **Violência contra jornalistas aumenta 54% em 2019.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/violencia-contrajornalistas-aumenta-54-em-2019/>>. Acesso em 13 fev de 2020.

FENAJ. **Coronavírus; FENAJ reúne informações sobre ações e orientações dos Sindicatos de Jornalistas em todo o país.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/coronavirus-fenaj-reune-informacoes-sobre-acoes-e-orientacoes-dos-sindicatos-de-jornalistas-em-todo-o-pais/>>. Acesso em 15 fev de 2020a.

FENAJ. **Covid-19 entre jornalistas e condições de trabalho.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/06/pesquisa-covid-2020.pdf>>. Acesso em: 16 fev de 2020b.

FENAJ. **Mães jornalistas e o contexto da pandemia.** Disponível em <<https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>>. Acesso em 16 fev de 2020c.

LELO, Thales Vilela. **Reestruturações produtivas no mundo do trabalho dos jornalistas: precariedade, tecnologia e manifestações da identidade profissional.** Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/335161>>. Acesso em 12 fev de 2020.

MENDES, Janaína Dutra Silvestre. **As mulheres a frente e ao centro da pandemia do novo coronavírus.** Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/announcement/view/467>>. Acesso em 12 fev de 2020.

SOLON, Marina; ARAÚJO, Mayara; RODRIGUES, Naiana; NUNES, Márcia Vidal. **O trabalho de mulheres jornalistas durante a pandemia da covid-19: um estudo de caso dos reordenamentos produtivos no Ceará.** Disponível em <<http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53780>>. Acesso em 11 fev de 2020.